

# O Ministro: a memória como trampolim para o futuro na escrita de Uanhenga Xitu

*The Minister: memory as a springboard for the future in the writings of Uanhenga Xitu*

**Simone Ribeiro da Conceição \***

**Resumo:**

Com uma breve análise da trajetória do historiador burkinês Joseph Ki-Zerbo e do escritor angolano Uanhenga Xitu este artigo acessa a experiência de dois sujeitos ativos nos processos identitários deflagrados no continente africano durante o século XX, tendo por principal objetivo realizar uma leitura da obra memorialista *O ministro*, de Uanhenga Xitu, tecida a partir de categorias e instrumentais teóricos sobre a memória, apresentados na produção historiográfica de Joseph Ki-Zerbo.

**Palavras-chave:**

Memória. Identidade. História.

**Abstract:**

With a brief analysis of the trajectory of Burkinabé historian Joseph Ki-Zerbo and Angolan writer Uanhenga Xitu, this article accesses the experience of two active individuals in identity processes triggered in Africa during the twentieth century, with the main objective to perform a reading of the memoirist work *The Minister*, by Uanhenga Xitu, woven from categories and theoretical tools on memory, presented in the historiography of Joseph Ki-Zerbo.

**Key-word:**

Memory. Identity. History.

*A história anda sobre dois pés: o da liberdade e o da necessidade.*  
Joseph Ki-Zerbo

\* Mestre em Literaturas Africanas/UFF. Pesquisadora Colaboradora do NESUERJ/ Lab oratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (simonerico@hotmail.com). Autora de dissertação intitulada *O Ministro - a (des)obediência epistêmica na escrita das “memórias apóstumas” de Uanhenga Xitu*. Artigos publicados: Movimento Kudurista (*ABRALIC* e *Revista Contexto*), Missossos e makas: o inventário dos costumes angolanos na escrita de Óscar Ribas e Uanhenga Xitu (*África Passado e Presente: II encontro de estudos africanos da uff*).

No decorrer do século XX, o continente africano foi cenário de transformações políticas e culturais, constituindo uma história recente ainda pouco conhecida, na qual destacamos o surgimento e consolidação de projetos nacionais. Na trajetória dos países surgidos no continente durante o século passado, a literatura ocupou papel significativo na produção de registros históricos postos em circulação textos difundidos dentro e fora da África. Contar a história a partir da literatura foi uma necessidade sentida por muitos intelectuais africanos na segunda metade do século em questão.

Portanto, o panorama africano do século passado consolidou uma forte relação entre Literatura e História, intersecção discutida da antiguidade aos dias atuais. Os estudos contemporâneos de Hayden White (1994) abordam tal intersecção estabelecida entre os discursos historiográficos e os textos ficcionais<sup>1</sup> e comprovada com a leitura da escrita memorialista do angolano Uanhenga Xitu (1924 -) à luz de considerações do historiador burkinês Joseph Ki-Zerbo (1922-2006).

A leitura proposta adota como fonte a obra *O Ministro* (1989), elaborada pelo escritor Uanhenga Xitu com declarada intenção de registrar memórias do ministro que foi e tecer registros de memória coletadas junto ao povo angolano. Em função desta intencionalidade, a narrativa faz da “memória: trampolim para o futuro”;<sup>2</sup> ideia veiculada por Joseph Ki-Zerbo em *Para quando a África?* (2006) e viabilizada quando a escrita memorialista leva às novas gerações acontecimentos vivenciados no passado e repletos de lições que auxiliam na moldagem do futuro.

Os episódios ficcionalizados e testemunhos reunidos na narrativa configuram um retrato de Angola no pós-independência recente, reconstruindo antigos e novos costumes observados em uma vida urbana constituída com a confluência entre o tradicional e o moderno. A resistência do pensamento colonial é flagrada em atitudes das personagens, denunciando um neocolonialismo instaurado após a independência e combatido por sujeitos africanos que, como Uanhenga Xitu e Joseph Ki-Zerbo, adotaram diferentes estratégias na luta político-ideológica acionada para dotar de identidade local as nações africanas construídas espelhadas em modelos políticos e valores culturais europeus.

---

1. WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

2. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?*: entrevista com René Holenstein/Joseph Ki-Zerbo. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 11

Enveredando pela pesquisa histórica, Joseph Ki-Zerbo promoveu uma revisão da metodologia utilizada no estudo da história da África, como será detalhado em nossa leitura. *História Geral da África. Volume I* (2010) é uma das obras mais expressivas de sua produção científica, em cuja introdução coletamos um apontamento interessante para a leitura proposta

A história é uma ciência humana, pois ela sai bem quente da forja ruidosa e tumultuada dos povos. Modelada realmente pelo homem nos canteiros da vida, construída mentalmente pelo homem nos laboratórios, bibliotecas e sítios de escavações, a história é igualmente feita para o homem, para o povo, para aclarar e motivar sua consciência.<sup>3</sup>

Ao fornecer tal definição da história, Ki-Zerbo faz menção a um dos efeitos de sentido observados na produção literária de Uanhenga Xitu, pois o escritor envereda pela senda literária com claro objetivo de atuar no fortalecimento da identidade cultural angolana. Para tanto, como veremos em nossa leitura de *O Ministro*, concebe uma prosa feita para o homem do povo. Por isso, a linguagem é modelada com uso de palavras em kimbundo e neologismos observados na fala popular, tornando clara a contação de episódios da história política e da cultura. Trazidos para o texto literário, aspectos culturais, políticos e linguísticos registrados pela memória servem para auxiliar na formação de uma identidade angolana moldada a partir da consciência de valores culturais próprios.

Outro aspecto que aproxima o projeto literário de Xitu do pensamento de Ki-Zerbo é a investida da escrita do angolano contra uma tendência de “singularização excessiva”<sup>4</sup> apontada pelo historiador burkinês como característica ao estudo da história do continente africano “abatido por vários séculos de opressão”, nos quais o registro da história coube às várias “gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo o tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos”<sup>5</sup>.

Em *O Ministro*, o sujeito da escrita angolano registra a história a partir de um ponto de vista interno, possibilitando o acesso a especificidades geográficas, culturais e políticas produtoras do quadro

3. KI-ZERBO, Joseph. *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*/ editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010, p. 32.

4. Ibidem, p. 32

5. Ibidem, p. 31

observadas nas nações africanas. Com o percurso de seu narrador-autor e personagens pelo território, Xitu rompe a singularização existente na escrita colonial, responsável pela maioria dos registros historiográficos, em função da qual são ignorados detalhes, sem os quais há incompreensões e deturpações da história da África. Obras literárias como a de Xitu parecem acatar a sugestão de Ki-Zerbo para sanar uma visível ignorância sobre o continente africano: “mudar a perspectiva e ressuscitar imagens “esquecidas” ou perdidas. Torna-se necessário retornar à ciência, a fim de que seja possível criar em todos uma consciência autêntica. É preciso reconstruir o cenário verdadeiro. É tempo de modificar o discurso”.<sup>6</sup>

Realizada no decorrer deste trabalho, a análise de *O Ministro* relaciona a escrita da obra a uma mudança de discurso adotada por Uanhenga Xitu e outros sujeitos históricos que assumiram o discurso descolonial e elaboraram o discurso nacional. Para dar forma a esse discurso nacional, Xitu une memória e história, ligação referida por François Dosse<sup>7</sup> como processo iniciado na antiguidade, quando o personagem *histor* entrou em cena, representando uma oposição ao *aedo*, e tendo por função “retardar o desaparecimento dos traços da atividade dos homens”. Desde o início de sua atividade na vida literária nacional, Uanhenga Xitu desvincula sua escrita dos modelos estilísticos criados pela tradição europeia, ressaltando que sua entrada em cena na vida literária se deve a esse desejo de retardar ou mesmo evitar o desaparecimento de elementos tradicionais. Recorrendo a teóricos dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, investigaremos como essa obra memorialista propõe fazer uso da língua e escrita trazidas pelo colonizador para criar registros capazes de evitar o desaparecimento e o desconhecimento de traços marcantes no início da atividade política e na configuração da identidade cultural da nação angolana.

Após esta contextualização inicial, abordaremos as trajetórias que fizeram de Joseph Ki-Zerbo um teórico basilar e de Uanhenga Xitu um autor africano reconhecido por sua contribuição para o desenvolvimento da literatura angolana contemporânea. Iniciamos, neste momento, o apontamento de categorias e instrumentais teóricos elaborados pelo historiador burkinês e aplicados em nossa leitura de *O Minsitro*, obra rara nas livrarias, bibliotecas universitárias e sebos especializados, cuja narrativa será analisada com intuito ressaltar o uso da história, da memória e da identidade na concepção de um

---

6. Ibidem p. 30

7. DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales a Nova História*. Trad. Dulce Oliveira Amarantes dos Santos Bauru. SP: EDUSC, 2003, p. 13

texto literário que colabora com desocultamento de saberes sobre a história africana recente.

### *Joseph Ki-Zerbo e Uanhenga Xitu: trajetórias em curso entre África e Europa*

Contemporâneos, os autores em tela iniciaram a vida na segunda década do século XX, nas localidades interioranas onde nasceram e viveram uma infância marcada pelo convívio com tradições e saberes circulantes na oralidade. Joseph Ki-Zerbo nasceu em Toma, em 1922. Dois anos depois, em 1924, nascia Uanhenga Xitu na província angolana de Calomboloca. O modelo de educação europeu vigorava na colônia francesa do Alto Volta (hoje Burkina Faso) e na colônia portuguesa Angola, com peculiaridades locais que, somadas a aspectos particulares, estabelecem diferentes trajetórias na formação desses autores que frequentaram instituições de ensino vinculadas às missões católicas e evangélicas encarregadas de levar valores civilizatórios europeus ao continente africano colonizado.

Paradigmas da educação no contexto colonial transparecem na descrição sintética da infância do escritor angolano Uanhenga Xitu. Registrado sob o nome português Agostinho André Mendes de Carvalho, o escritor, que adotou o nome quimbundo Uanhenga Xitu, viveu a infância no interior, em meio a uma estrutura social africana menos abalada e a um contexto em que vigorava a educação nos moldes tradicionais da cultura *bantu*, de acordo com os quais a família se encarregava da transmissão de toda a tradição, com seus usos e costumes. Nessas primeiras décadas do século XX, a formação dos nascidos no meio rural angolano unia a transmissão de conhecimentos tradicionais à aprendizagem de conteúdos do ensino primário em espaços informais, sendo facultado a alguns a possibilidade de ingressar no ensino formal. Para tanto, o colonizado deveria “ter bilhete de identidade, ser filho de um assimilado também com bilhete de identidade, não viver na sanzala com seus irmãos pretos e declarar ter abandonado os usos e costumes dos indígenas”.<sup>8</sup> Quidem com os pré-requisitos enumerados em seu testemunho, Mendes de Carvalho seguiu para Luanda, onde prestou exames que permitiam a progressão até a quarta classe, tendo por companheiro de internato presbiteriano Agostinho Neto, desde então, seu amigo. Ainda em Luanda, concluiu estudos secundários em enfermagem, exercendo, por longo período,

---

8. XITU. In: SÁ, Ana Lopes. *A Confluência do tradicional e do moderno na obra de Uanhenga Xitu*. Luanda: UEA, 2004, p.229.

a profissão. Muitos anos e lutas depois, quando o enfermeiro já era ex-ministro da saúde, assumiu o cargo de embaixador e seguiu para a Alemanha, onde cursou Ciências Políticas e Sociais.

No território da África Ocidental francesa, Ki-Zerbo vivenciou deslocamentos geográficos. O menino nascido no Alto Volta (atual Burkina Faso) viveu no Senegal e no Mali, local onde fez seus estudos básicos e secundários. Seguindo para a França na década de 1950, ingressou na *Sorbonne*, onde obteve o título de historiador. O relato de Ki-Zerbo sobre a vivência acadêmica exprime uma sensação compartilhada à época por estudantes africanos matriculados em instituições europeias e confrontados com a rarefeita presença de seu povo e de sua história no conteúdo escolar:

A história africana era desconhecida. Fiz todos os meus estudos no âmbito francês, com manuais franceses. Não havia nada no programa que tratasse da África. Ainda pequeno tínhamos de utilizar um livro de História francês que começa assim: “Nossos antepassados, os gauleses...” Assim, no início da nossa formação, houve deformação. Mais tarde, na universidade, fiz todos os meus estudos sem uma única referência à história da África, salvo de modo superficial, em relação à história europeia, para assinalar o papel da África durante o tráfico dos negros, por exemplo.<sup>9</sup>

As sombras que encobriam o conhecimento da civilização africana e sua história já se mostravam um incômodo para a geração de africanos que desembarcou na Europa antes de Ki-Zerbo, da qual faziam parte Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Alioune Diop. Como observa Carlos Moore (2010), ao chegar à França, em 1930, Aimé Césaire era um sujeito “crescido num ambiente composto de pessoas esmagadas pela certeza de superioridade do mundo branco colonizador”.<sup>10</sup> Àquela altura, o senegalês Léopold Sédar Senghor já defendia no cenário europeu os valores acionados durante a agitação pan-africana e “pan-negra” promovida pelo jamaicano Marcus Garvey na segunda fase do Panafricanismo e decisiva para deflagrar a militância anticolonialista e anti-imperialista. A bagagem teórica de Senghor contagia Césaire, que passa a ser o articulador teórico e principal expositor do conceito de Negritude, para o qual encontramos em Moore a seguinte abordagem:

---

9. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?*: entrevista com René Holenstein/Joseph Ki-Zerbo. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 14.

10. MOORE, Carlos. *Aimé Césaire*. Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

A Negritude é um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no Mundo Negro contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação de parâmetros da luta contra o racismo. Ela é, certamente, o conceito que mais positivou as relações raciais no século XX. Cristalizou-se como movimento político e estético específico na década dos anos de 1930. (...) Vista desse ângulo analítico e panorâmico, enraizado na experiência coletiva, a Negritude pode ser compreendida como o fruto do amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sobre a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora.<sup>11</sup>

A movimentação negro-africana conta com suporte ideológico da Negritude, do Panafricanismo e do Marxismo, moldando sujeitos negros atuantes em um momento histórico marcado por contestação. Passam a ser centrais nesse quadro contestatório as reflexões sobre raça introduzidas no âmbito da ciência, com base nas quais Césaire elabora o *Discurso sobre o Colonialismo*. Publicado na década de 1950, o discurso considera o racismo, o colonialismo e o nazismo como partes de uma engrenagem opressora ocidental. Aprofundando a análise no campo da psicologia, o martinicano Frantz Fanon assegura que “o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver neles”.<sup>12</sup>

De posse dessa certeza, jovens africanos de diversas áreas do conhecimento e oriundos das várias colônias africanas que tinham a subalternidade política do homem negro colonizado como fator comum, empreendem modos socialmente gerados de rever o mundo colonial e o racismo enraizado em seus domínios. O arcabouço teórico em circulação no segundo quarto do século XX esculpe nos estudantes a visão crítica de sua condição e o desejo de reverter o quadro descrito por Ki-Zerbo:

Éramos ‘súditos coloniais’, com uma superestrutura intelectual incompatível com esta condição. O marxismo desmascarava as realidades camufladas e decodificava os discursos alienantes das justificativas, e também apresentava um voluntarismo capaz de fazer a história, de transformar as sociedades e de caminhar para a criação de um “homem novo”; assim, havia simultaneamente a luta concreta, a rejeição radical do *status quo*. Era o tipo de compromisso exigido pela nossa condição de africanos naquele momento (...) <sup>13</sup>

11. Ibidem, p. 9-10

12. FANON, Frantz. *Peau noire et masques Blancs*. Paris: Seuil, 1952 apud MOORE, Carlos. *Aimé Césaire*. Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 26.

13. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* : entrevista com René Holenstein/Joseph

À época do ingresso de Ki-Zerbo na Universidade Paris-Sorbonne, na década de 1950, a ligação com os discursos ideológicos já havia esculpido nos jovens estudantes africanos a consciência de ser inconciliável manter a condição de africano e colonizado, até então aceita sem maiores conflitos. O processo de tomada de consciência rememorado por Ki-Zerbo fez com que, naquela altura da história, o pequeno grupo de estudantes africanos assumisse o movimento descrito por Moore:

Ao meu ver, há um fato capital: ou seja, que nós, homens de cor, neste momento precioso de evolução histórica, temos na nossa consciência, tomado posse de toda a extensão da nossa singularidade e que estamos prontos para assumir, em todos os planos e em todos os domínios, as responsabilidades que surgem dessa tomada de consciência. Singularidade de nossa “situação dentro do mundo”, que não pode se confundir com nenhuma outra. Singularidade dos nossos problemas, que não se vinculam a nenhum outro problema. Singularidade de nossa história marcada por terríveis acontecimentos que pertencem exclusivamente a ela. Singularidade de nossa cultura, que queremos vivenciar da maneira mais real possível.<sup>14</sup>

É oportuno, neste momento, enfatizar que uma das presenças no cenário europeu da época era do estudante Agostinho Neto, mentor da luta pela libertação de Angola e personagem na obra *O Ministro*, de Uanhenga Xitu. Influenciado pela atmosfera ideológica em circulação nas universidades europeias, o líder angolano utilizou amplamente a ideia “consciencialização” em sua poesia, discurso político-ideológico compartilhado por Xitu e presente na obra memorialista deste autor.

Na produção acadêmica dessa década despontam trabalhos de historiadores como Aimé Césaire, Léopold-Sédar Senghor e Alioune Diop. Como faz saber Ki-Zerbo essa geração de historiadores africanos que o antecedeu foi responsável pelo surgimento de “um olhar alternativo sobre a África”,<sup>15</sup> e a perspectiva adotada pelo grupo surge como resposta a uma educação colonial que “desprezava e ocultava os valores e a cultura africana, desde as línguas até a civilização material”.<sup>16</sup> Detendo especial atenção às singularidades das culturas africanas,

---

Ki-Zerbo. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 16

14. MOORE, Carlos. *Aimé Césaire*. Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 31.

15. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?*: entrevista com René Holenstein/Joseph Ki-Zerbo; tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 15

16. *Ibidem*. p. 15

tradicionalmente ágrafas, os estudos iniciados por estes historiadores afirmaram a importância da oralidade para o resgate daquelas histórias e valores restritos aos discursos e memórias locais. Desse modo, os historiadores já referidos propuseram novas metodologias, assumindo protagonismo nos novos rumos seguidos pela investigação histórica e demarcando a presença africana na reformulação da pesquisa, até então um dos instrumentos da colonização. Um grande feito dessas novas opções e descobertas da história foi a releitura de conceitos, com a qual Ki-Zerbo colaborou ao provar ser inadequada a expressão “pré-história”, utilizada para apartar da história os “primeiros humanos que inventaram a posição ereta, a palavra, a arte, a religião, o fogo, os primeiros utensílios, os primeiros *habitats* e as primeiras culturas”.<sup>17</sup>

Na avaliação de Ki-Zerbo, a grande mudança realizada pelos historiadores africanos consistiu no ato de “afirmar a necessidade de refundar a História a partir da matriz africana”.<sup>18</sup> Para o historiador, a (re)descoberta da matriz cultural africana era uma estratégia importante no processo identitário dos países surgidos em um continente partilhado pela empresa colonial. A esse respeito, Ki-Zerbo observa:

A África deve constituir-se através da integração, que não existe verdadeiramente hoje. É pelo seu “ser” que a África poderá realmente vir a tê-la; mas é preciso um ter autêntico, não um ter de esmola, de mendicidade. Trata-se do problema da identidade e do papel a desempenhar no mundo. Sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio. E a identidade é o papel assumido; é como numa peça de teatro, cada um recebe um papel a desempenhar.<sup>19</sup>

O dizer do historiador burkinês aponta “o papel do intelectual africano na formação dos projetos nacionais”, questão recorrente nas abordagens tecidas pelos Estudos Pós-coloniais. Uma destas leituras foi elaborada por Frantz Fanon e sintetiza a consciência compartilhada por Joseph Ki-Zerbo, Uanhenga Xitu e outros africanos que desempenharam ações em prol do despertar das identidades nacionais:

No momento em que os partidos nacionalistas mobilizam o povo em nome da independência nacional, o intelectual colonizado pode às vezes rejeitar com um pontapé essas aquisições que de súbito lhe

---

17. Ibidem, p. 15

18. Ibidem, p. 15

19. Ibidem, p. 12

parecem alienantes. (...) Assim se explica suficientemente o estilo dos intelectuais colonizados que decidem exprimir essa fase da consciência em processo de libertação. Estilo vibrante, pejado de imagens, porque a imagem é a ponte levadiça que permite que as energias inconscientes se espalhem pelas campinas circundantes. Estilo nervoso, animado de ritmos, de parte a parte habitado por uma vida eruptiva.<sup>20</sup>

Em nosso enfoque da trajetória de Joseph Ki-Zerbo, priorizamos sua passagem eruptiva pelo cenário acadêmico, apontado por Gramsci, em suas *Obras Escolhidas* (1978), como um dos espaços de surgimento do intelectual tradicional. No entanto, é relevante mencionar a experiência política iniciada por Ki-Zerbo em 1958, à época de seu ingresso na política partidária de Burkina Faso, como parte da oposição comandada pelo *Parti pour la Democratie et le Progrès* (PDP). No cenário nacional, o célebre autor da obra *L'Histoire de l'Afrique Noire* (1972) e consultor da UNESCO adotou o ativismo político para atuar como um agente emancipador das classes subalternas, assumindo função atribuída ao intelectual nos estudos gramscianos, com base nos quais consideramos que tal movimento emancipatório se configura quando o agente contribui com a forja de uma nova concepção de mundo calcada em novos valores sociais e voltada para a constituição de uma nova cultura.

### *O percurso de Uanhenga Xitu: um mergulho no lugar africano*

Ao voltarmos nosso olhar para Uanhenga Xitu, nos distanciamos da movimentação no continente europeu e adentramos o continente africano, cenário da maior parte da trajetória desse sujeito que teve Angola como aquele “lugar” entendido por Giddens como “ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”.<sup>21</sup> Sanzala do interior onde nasceu, Calomboloca foi o ponto de observação e vivência de tradições abaladas com o avanço da empresa colonial.

Durante as décadas de 1950 e 1960, Uanhenga Xitu percorreu diferentes locais de Angola, exercendo militância pela libertação de

---

20. FANON, Frantz. *Os Condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 182-183

21. GIDDENS, Anthony. Apud. HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997, p. 72

Angola. O envolvimento nessa mobilização política consolida a aproximação entre os “Novos Intelectuais de Angola” e o então enfermeiro Mendes de Carvalho, preso pela polícia colonial em 1959. Após a liberdade em 1961, foi indiciado no “Processo dos 50”, movido contra os angolanos dissidentes da política salazarista. Julgados e condenados Mendes de Carvalho e alguns integrantes da “geração da Mensagem” foram enviados para o Campo de Concentração do Tarrafal, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, local onde o escritor permaneceu detido no período de 1962 a 1970.

O cárcere foi o lugar onde iniciou sua escrita ficcional, utilizada para dar forma a nove livros, produzindo uma obra que lhe permite afirmar: “a minha tendência é escrever sobre a vida social e os meus livros, geralmente, têm muita audiência, porque é ali que outros escritores e, ultimamente, a nova juventude vão buscar a identidade cultural”.<sup>22</sup> A análise de Xitu indica que a vida social foi escolhida por ele como local de recolha de temáticas exploradas em suas narrativas por serem interessante ao fortalecimento da memória coletiva.

No conjunto da obra de Xitu, a memória individual é sempre posta a serviço da memória coletiva, remetendo à dinâmica descrita por Halbwachs em seu estudo da relação entre a memória individual e coletiva: “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.<sup>23</sup>

Na concepção de sua textualidade, Xitu recorre sempre ao resgate de personagens, lugares e acontecimentos que reconstroem algum aspecto da imagem de outrora. Inseridos no registro escrito os traços culturais ou dados históricos trabalhados na textualidade de Xitu reforçaram a visibilidade das tradições em meio a uma estrutura política moderna representada pelo Estado. Nesse contexto pós-independência, quando se agudiza a confluência entre o tradicional e o moderno, Xitu tira proveito da escrita para ser “o lápis das vozes das gentes” de sua terra, registrando saberes que a memória oral resguardou e exercendo a tradicional dinâmica de circulação de conhecimento entre as gerações, reverenciada em sua fala: “dou graças à fértil memória dos nossos antepassados que foram passando o património cultural de geração a geração até a nossa Hora e nossa Era”.<sup>24</sup>

22. XITU, Uanhenga. apud. SÁ, Ana Lopes. *A Confluência do tradicional e do moderno na obra de Uanhenga Xitu*. Luanda: UEA, 2004, p. 299.

23. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. pp. 75-76.

24. XITU, Uanhenga. *Os discursos do Mestre Tamoda*. Luanda: Editorial Nzila, 2005, p. 171.

Após quatorze longos anos de guerra de libertação, Angola conquistou sua independência em 1975, iniciando uma nova era. O momento é de transformações também para Uanhenga Xitu, escolhido por Agostinho Neto para o cargo de ministro da saúde. As mudanças observadas no cotidiano do ministro despertaram no escritor o desejo de fazer o “apontamento de uma série de acontecimentos, antes, na véspera e depois da independência”.<sup>25</sup> Por conta dessa intenção, em 1976 Xitu passou a reunir as anotações que deram origem ao livro *O Ministro*, publicado em 1989, trazendo no prólogo o seguinte esclarecimento:

Esta é a obra que havia prometido aos meus leitores. Factores e circunstâncias, de ordem vária, fizeram com que retardasse sua publicação. Não recuei perante as circunstâncias temporais, tão-pouco temi algumas veladas intimidações que me vinham na forma de conselhos. Sai tarde, mas antes assim. Cumprindo com a promessa.<sup>26</sup>

Nesta que foi sua sétima publicação, a escrita literária de Uanhenga Xitu dialoga com alguns pontos defendidos por Joseph Ki-Zerbo. A esse respeito, o principal destaque recai sobre o uso da tradição oral como fonte para acesso a acontecimentos coletados por Xitu para executar o seguinte propósito: “a nossa revolução, a sua história tem de ser feita por nós mesmos, e de acordo com as nossas capacidades e características”.<sup>27</sup> Outro ponto de intersecção consiste na proposta de Xitu em colaborar com o conhecimento da história angolana recente, o que faz sua criação literária colaborar diretamente com a preocupação de Ki-Zerbo em diminuir o desconhecimento da história africana.

Tomada como fio condutor, a experiência como ministro proporciona a contação de “estórias” que iluminam acontecimentos históricos testemunhados ou vivenciados por Uanhenga Xitu às vésperas da independência e no pós-independência recente. O recorte temporal privilegiado compreende o período de utopia, vivido antes e imediatamente após a Independência, e a distopia crescente verificada após os primeiros anos de uma vida nacional que repete vícios do sistema colonial. Convém ressaltar que o contexto de emancipação política do pós-independência recente revela-se, ainda, marcado por práticas espelhadas no modelo totalitário da política salazarista, tornando indesejável àquela conjuntura a crítica de costumes atuais, alguns

---

25. XITU, Uanhenga. *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1991.p. 44.

26. *Ibidem*. p.43

27. *Ibidem*. p, 89

observados no âmbito da política, outros derivados desse jogo político e com efeitos sobre as relações interpessoais e profissionais. Portanto, a narrativa se apresenta como um contradiscurso, pois nela a sociedade que se constrói é avaliada de modo distanciado do ufanismo, enfatizando-se o apontamento de aspectos “destrutivos” para a ideia de “progresso”, sustentada pela nação, e para a estrutura comunitária tradicional.

Descritos e detalhados, alguns dos acontecimentos que aprofundam a distopia são enfatizados em testemunhos do ministro que foi Mendes de Carvalho e nas prosas de Uanhenga Xitu, por meio das quais o escritor ajuda a fazer uma revisão crítica da vida política de seu país. No entanto, Uanhenga Xitu ressalta que seu livro *O Ministro* não é “uma obra que ataca, que acusa (...) A verdade é que ele representa as “MEMÓRIAS APÓSTUMAS” do Mendes de Carvalho”.<sup>28</sup> Caracterizando como “apóstumas” suas memórias, o escritor se apropria da tarefa de organizar, a seu modo e com suas próprias palavras, o registro dos acontecimentos relevantes para a construção de conhecimento sobre a história angolana no século XX.

### *Memórias apóstumas: a forma literária de uso da memória como trampolim para o futuro*

*O modo da linguagem usado para constituir os fatos pode ser formalizado e governado por regras, como nos discursos científicos e tradicionais; pode ser relativamente livre, como em todo discurso literário modernista ou pode ser uma combinação de práticas discursivas formalizadas e livres.<sup>29</sup>*

Considerações preliminares sobre a vida e obra de Uanhenga Xitu indicam a ativa participação do escritor na produção literária angolana. Com expressiva publicação de obras dentro e fora de seu país, Xitu teve obras publicadas no Brasil no século XX. Porém, na primeira década do século XXI, mesmo com maior circulação de obras literárias africanas entre os leitores brasileiros, o trabalho desse precursor da literatura angolana escrita ainda não desfruta do merecido conhecimento e reconhecimento. Diante de tal constatação, apresentamos uma síntese da obra *O Ministro*, recebida com entusiasmo pela

---

28. Ibidem, p. 104

29. WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 7, 1994, pp. 21-48.

crítica à época de seu lançamento, no entanto, menos lida que outras criações do escritor.

O *Ministro* consiste em uma narrativa fragmentada, que alterna textos ensaístas, ficcionais e testemunhais inseridos em segmentos pré-textuais, poema e prosas protagonizadas pelo narrador-autor ou por personagens ficcionais. Em episódios vividos pelo autor e em outros prototonizados por personagens ficcionais como Toni, Kuteku, Zequinha, Malafuaia e Rumba surgem *flashes* da história política recente e cenas da cultura tradicional. Desse modo, o escritor cria pequenas narrativas em que narrador-autor, personagens históricos referidos nos testemunhos e personagens ficcionais reconstituem parte da história angolana. A prosa tecida resulta em uma visão crítica da sociedade que toma forma sob o embate entre a tradição e a modernidade, lidando com o desvio dos ideais que motivaram o projeto nacional. O mesmo olhar crítico é utilizado no segmento ensaístico dedicado a uma análise do racismo e na prosa desenvolvida em torno do “*Puema*” inserido na obra. Concebidos a partir de episódios reais, esses segmentos foram um modo encontrado pelo escritor para abordar dois temas muito importantes na vida nacional: as relações étnico-raciais e a ética na cena política.

A descrição da estrutura de *O Ministro* permite pensar o modo como a escrita de Uanhenga Xitu elabora diferentes formas literárias, inserindo em seu conteúdo registros de memória livrados do esquecimento e projetados até o futuro nessa contação escrita que permite ao leitor “recuperar o passado para se reencontrar identitariamente”.<sup>30</sup>

Quanto à estrutura, a narrativa é dividida em catorze segmentos. Os dois primeiros, “Dedicatórias” (p.9-29) e “Introdução” (p.33-79), são formados por narrativas breves e de formato distinto. O texto assume maior linearidade nos segmentos textuais seguintes, organizados sob forma de prosas e intitulados: III) “Leopoldville”; IV) “As Bases”; V) “Toni”; VI) “Cabeleireiras”; VII) “Kuteku”; VIII) “Deixa a gente falar”; IX) “O Racismo”; X) “Cônego Manuel”; XI) “Quando Ministro”; XII) “Velho Sessenta”; XIII) “Pinico” e XIV) “Chiquito”. Para nossa reflexão, é importante apontar esta estrutura como responsável por uma projeção dos gêneros orais, procedimento que integra as estratégias textuais de uma escrita pós-colonial caracterizada por um hibridismo alcançado com a assunção de traços genealógicos de variadas “formas” ou “gêneros” orais africanos.

30. LEITE, Ana Mafalda. *Oralidade e escritas pós-coloniais*. Estudos sobre Literaturas Africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 263

Para dar forma às suas memórias apóstumas, Xitu exercita a “interdiscursividade” citada por Ana Mafalda Leite<sup>31</sup> e descrita pelo ensaísta nigeriano Ato Quayson (1997) como termo que explica a relação entre literatura e oralidade. Utilizando amplamente tal recurso, Uanhenga Xitu registra em seu texto a memória da língua quimbunda, realizando também o resgate daquelas técnicas narrativas características da literatura oral. Nesse sentido, notamos o investimento nas declarações de intenção utilizadas nos segmentos “Dedicatórias” e “Introdução”.

Assemelhados ao texto epigráfico, tais segmentos antecedem as prosas. No entanto, sob esse formato paratextual começa a ser narrada a história coletiva que Uanhenga Xitu se propõe a contar, alternando testemunho e ficção. Intitulados e formalmente assemelhados aos segmentos paratextuais criados nos modelos literários da tradição ocidental, esses segmentos distanciam-se da função paratextual, pois é neles que Uanhenga Xitu começa a narrar a história da construção e desconstrução do projeto ideológico que teve seu primeiro estágio concretizado com a independência angolana e enfrentou obstáculos para prosseguir. Devido a esses obstáculos surgidos na gestão do Estado angolano recém-independente, a fragmentação do tecido social torna-se evidente, refletindo-se na elaboração das narrativas curtas, cuja estrutura apresenta divisões e subdivisões de modo a destacar as partes de um movimento político coletivo. Para abertura da obra, o escritor utiliza dois fragmentos de discursos de Agostinho Neto. Nas palavras do líder, Xitu recorta trechos que reforçam o apelo à participação de todos os angolanos na construção nacional: “Nós somos um movimento progressista porque queremos hoje – agora que estamos na transição para a independência – que todo o nosso povo possa participar no progresso histórico que se está a passar na nossa terra”.<sup>32</sup>

Em seu conteúdo, as “Dedicatórias” (p. 7-30) exibem trechos de discursos de Agostinho Neto, homenagens a Samora Machel e Amílcar Cabral. No texto exíguo desse segmento, vislumbramos um modo de contar que repete mais uma das funções simbólicas inerente às histórias iniciáticas, de que se vale o escritor para narrar “os grandes feitos dos antepassados, ou dos heróis do país”.<sup>33</sup> Na segunda parte do segmento, o texto literário aborda peculiaridades da cena política,

31. *Ibidem*, p. 166

32. *Idem*, p. 9

33. BÂ, Hampâté Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord. do volume). *História geral da África. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo; Paris: Ática; UNESCO, 1982. V.I., p. 204.

tornando visível a relação ideológica entre a escrita e o Estado-nação criado em Angola, pelo fato mesmo de a narrativa testemunhar acontecimentos movidos pela ideologia vigente. A partir de tal consideração, é interessante pensar a nação que Benedict Anderson (1989) nos apresenta como comunidade política imaginada como limitada e soberana<sup>34</sup> para ressaltar que, nessas páginas, a narrativa fomenta um conhecimento sobre personalidades envolvidas nos movimentos nacionalistas, reverenciando os valores capazes de fazer com que a comunidade imaginada, uma vez constituída, se tornasse mais soberana que limitada. Com tal intuito, o escritor aborda a unidade, mostrando que esse tema importante no discurso panafricanista de Ki-Zerbo, foi igualmente importante para a nação angolana formada por indivíduos de diferentes origens étnicas, nos quais Xitu procura estimular o sentimento de pertença a um mesmo país. No segmento, o escritor evoca a tradição dos conselhos, selecionando este caminho de conciliação como recurso a ser usado no presente e futuro:

Quem nos dividiu e quem nos vai unir novamente senão nós mesmos? Ao lado dos meus irmãos angolanos, sem me importar da sua crença religiosa, da sua ideologia política, da sua etnia, da sua classe e posição social, da sua região, da sua idade, acima de tudo ser angolano; o resto mais que surgisse era tudo resolvido, simplificado pelos conselhos, pela conversa jangu, da disanza, como faziam antigamente os nossos antepassados na sua simplicidade de boas maneiras.<sup>35</sup>

Na “Introdução”, segmento seguinte, o escritor esclarece que a “obra dedica-se a um “ministro”, entre aspas, que posso ser eu ou outro qualquer. Há ministros de cargo e ainda ministros entre aspas”.<sup>36</sup> Este início da “Introdução” parece apontar para uma ficcionalização que passará a atuar como estratégia para contar as “estórias” protagonizadas pelo ministro Uanhenga Xitu ou pelo ministro “aspeado” utilizado pelo autor para tecer uma visão crítica das práticas e posturas observadas na vida social e na política

Há um povo que desconhece a nomenclatura e não distingue cargos; para ele um ministro também é o diretor, o secretário, o chefe de departamento ou do sector e todos que trabalham com o ministro, in-

---

34. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

35. XITU, Uanhenga. *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1991, p. 21.

36. Idem, p. 33

clusivo o contínuo, o trabalhador da limpeza, o servente, a lavadeira, a criada; porque alguns desses, e aqueles outros, nos seus bairros e vilas, fazem-se ou cognominam-se ministros; e constroem e constituem os seus ministérios como órgãos, organismos, e até presidências, nos musseques, falando em nome de superiores, invocando nomes de personalidades do Governo para atingir seus fins, extorquindo, aprisionando, roubando, vigarizando, subornando, assassinando, gerundindo daí para fora com todos os gerúndios negativos. Ora, um povo habituado dessa maneira, crê e acredita serem todos ministros, até o cão do ministro ladra diferentemente do cachorrinho do bairro de lata e de caniço se asfalto, sem luz e água.<sup>37</sup>

No período conturbado do primeiro ano de governo Agostinho Neto, o então ministro da saúde percorre bairros populares, nos quais realiza a escuta da população. Invocando a lembrança dessas outras falas e recorrendo à memória, o escritor e político conta sua versão sobre acontecimentos políticos que colaboraram com a derrubada do “governo de Caetano e d[o] regime “salazarista”,<sup>38</sup> reconstituindo também um oportunismo inserido no jogo político de Angola e responsável por divisões no seio do movimento. Com seu ponto de vista interno, o cidadão revê a cena na qual está envolvido, analisando também sua atuação à luz da visão tradicional, fazendo menção a *kienge* (*ou kiengéle*) existente em cada ser humano, em função do qual se tem o poder de exercer influência no organismo do outro:

Os velhos, tradicionalmente, explicam que existe esse fenómeno e encorajaram-me dizendo-me possuidor desse poder magnético. Quando duvidoso lhes perguntei que eu não sentia esse poder e como é que se sintomatiza, gritaram: “vai só, isso não se sente, são as pessoas que o detectam”.<sup>39</sup>

Portanto, da cultura tradicional virá uma chave de leitura para compreender a função persuasiva de um discurso que pretende apontar erros e acertos, produzindo uma incômoda reflexão sobre aquelas as desventuras da consciência nacional, discutidas por Frantz Fanon (1961) no último capítulo de *Os condenados da terra*, quando o escritor analisa a complexidade da independência no contexto formado por dirigentes moldados pelo pensar colonial.

---

37. Ibidem. p.33

38. Ibidem. p. 34

39. Idem, p. 69.

Nas décadas em que coleta as informações utilizadas na composição de sua obra, Uanhenga Xitu experimenta o contato com a complexa realidade descrita por Edward Said, em seu artigo Reconsiderando a Teoria Itinerante, como momento em que “a nova nação produzirá um novo conjunto de polícias, burocratas e comerciantes para substituir os europeus que partiram”.<sup>40</sup> Tal renovação dos seguidores da velha ideologia colonial é objeto de constante reflexão da escrita de Mendes de Carvalho, escritor ideologicamente ligado ao discurso novo e igualitário do socialismo. A complexidade dessa etapa transitória serve de pano de fundo para sua obra concebida a partir de “fatos verdadeiros, vividos; outros fruto da imaginação; outros ainda foram vividos por outras pessoas que mos contaram e pediram que um dia os colocasse numa obra”.<sup>41</sup>

Os enunciados em que se divide o texto do “Prefácio” (p. 43-67) apresentam cenas do cotidiano, com as quais o autor vai, aos poucos, pincelando o quadro social estabelecido em Angola. Nas linhas destes enunciados se entrecruzam histórias vividas por Xitu com outras a ele transmitidas oralmente em sua passagem real por espaços sociais representados por “bancadas sem banco dos campos de futebol”, “bichas da carne”, “escolas de ensino de base”, “faculdades de ensino popular” e “hospitais”. Nesses cenários o autor captura as evidências da razão pós-ocidental delineada por Walter Mignolo e que transparecem nas histórias locais nas quais a colonialidade do poder foi exercida. Precisamente, os atos de violência cometidos em nome do Partido e da República Popular de Angola exemplificam o colonialismo interno apresentado pelo teórico argentino como “a colonialidade do poder inserida no Estado-nação após a descolonização, seja na América Latina do século XIX ou na África e na Ásia da segunda metade do século XX”.<sup>42</sup>

Novamente chamamos atenção para o recurso das declarações de intenção, frisando, agora, o plano do conteúdo, no qual se observa a tomada de consciência acerca do neocolonialismo pelo sujeito histórico que circulou por gabinetes e cenários, nos quais tomava forma um modelo administrativo caótico. Revistas no texto, tais práticas com-

---

40. SAID, Edward. Reconsiderando a Teoria Itinerante. Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocar a Europa* – Antropologia, Arte, Literatura e História, Pós-colonialidade. Lisboa: Edições Cotovia, 2005, p. 41.

41. XITU, Uanhenga. *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1991 p. 34.

42. MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Tradução de Ângela Lopes Norte. Cadernos de letras UFF. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

prometem os atores da cena política que têm “consciência pesada de cometer, ainda que inconscientemente, esse e aquele erro que terminou na fatalidade de trair os princípios e os sentimentos de um povo”.<sup>43</sup>

Erros e descaminhos produziram o Estado cindido a partir do qual fala o autor e que se projeta na própria estrutura partida, cujos fragmentos textuais ressaltam diferentes facetas de uma vida social organizada em torno do socialismo, mas que já cede à lógica capitalista. Como mostram os episódios narrados, resulta desse processo um desfazimento que incide sobre os legados da tradição e da ideologia marxista, determinando um esvaziamento de valores, mediante que estabelece o contradiscurso indicado por Inocência Mata como característico às

obras que buscam na História a sua própria existência simbólica, *funcionando* com uma lógica antiépica que acaba por referenciar os ideais agônicos da revolução e do nacionalismo, através do despertar de vozes e memórias que na utopia políticossocial não tinham lugar.<sup>44</sup>

Sobretudo, no “Prefácio”, Uanhenga Xitu assume a função de narrador-autor para veicular seu antidiscurso, fazendo dele o instrumento para compartilhar com o leitor os dissabores que criam um efeito anti-épico na maior parte dos feitos destacados nessa obra “em que o realismo, a ficção e a imaginação se casaram e pariram um “Ministro” entre aspas”.<sup>45</sup>

Dessa forma, Uanhenga Xitu, que também foi ministro angolano, nos apresenta seu processo de criação de um ministro ficcional, que se confunde com sua história pessoal. No entanto, além desse “ministro”, o escritor concebeu outras personagens representativas dessa figura política, surgida no ocidente, que assumiu valor maior que o das lideranças locais. Os diferentes ministros que dividem a narrativa evidenciam que, no modelo político neocolonial, a função ministerial se desvirtua da origem e do fim inerentes a ela e descritos por Muniz Sodré:

Até o início do século XVI, os príncipes europeus se faziam cercar de sábios feiticeiros ou adivinhos, que foram perseguidos no final dos

43. XITU, Uanhenga. *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1991 p. 44

44. MATA, Inocência. *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*, 2000, online. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf> Acesso em: 17/06/ 2009.

45. XITU, op. cit. p. 44

tempos quinhentistas, tanto na Corte quanto nas camadas populares, e substituídos por ministros, especialistas em racionalidade social.<sup>46</sup>

A figura do ministro se desdobra no narrador-autor, nos personagens Kuteku e Toni, este protagonista do segmento homônimo e um duplo da trajetória de Uanhenga Xitu. Episódios protagonizados por tais personagens puseram à prova a racionalidade social dos inexperientes ministros confrontados com a valorização da razão imperial, atestada em uma forma de organização privilegiadora de “títulos” obtidos com a assimilação de alguns valores que beneficiavam mais a seus produtores que a esses repetidores localizados num outro contexto histórico.

Em seu deslocamento por espaços geográficos, públicos e privados o narrador-autor descreve cenas e transcreve testemunhos reveladores sobre a extorsão, o roubo, o suborno e outros condicionamentos impostos a “um povo com fome [que] não conhece leis nem hierarquias, nem ideologia, nem política”.<sup>47</sup> Nesse momento, a escrita introduz as características de um estado de privação, criado por essas subtrações de artigos públicos, da qual resulta uma política que naturaliza a subtração do direito ao alimento, reconhecido como direito mínimo pelo Estado e como parte do “mínimo vital” existente nas sociedades tradicionais.

As personagens e tramas reunidas em *O Ministro* fazem das reflexões sobre a política uma constante nesta obra, entrecruzando mais uma vez a escrita de Xitu a uma das vertentes do pensamento Ki-Zerbo, que consiste na compreensão do quadro político instaurado no continente africano:

Não creio que haja falta de cultura política. O verdadeiro problema consiste na maneira de conceber o político na África. O período colonial não foi uma boa preparação para a democracia. O regime colonial era paternalista e autoritário, ou mesmo totalitário. Enquanto as pessoas se consideravam como súditas e obedeciam, os colonizadores mantinham a antiga organização dos chefes e dos reinos africanos, servindo-se dessas estruturas para implantar o seu próprio poder. E todos aqueles que gravitavam em torno do poder colonial – intérpretes, guardas, funcionários subalternos africanos – tinham aprendido a comportar-se, não como representantes eleitos, mas como homens de poder.<sup>48</sup>

---

46. SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005, p. 98.

47. XITU, op. cit. p. 12

48. KI-ZERBO, Joseph. Para quando África? : entrevista com René Holenstein/Joseph

Com a personagem Manico, toma forma uma interessante leitura do “ser político” em África. Nas malhas da narrativa do “Prefácio”, esta personagem vive situações que avivam a questão ética e o esfacelamento do projeto ideológico. Manico é um sujeito de meia-idade e de grande prestígio social, que passou a ser cognominado Senhor Ministro ou Ministro após ter sido engraxador dos Ministros, dentre os quais angariou simpatias. Portanto, a navegação social e profissional do criado que ascende a representante dos ministros consiste numa dinâmica real observada na sociedade e que, ao ser ficcionalizada, assume finalidade da maka, narrativa tradicional com finalidade moralizante e didática.

O modo como Manico realiza sua ascensão social mostra que, no momento de agenciamento da emancipação política, é a distopia que prevalece no espaço angolano. E, por meio desse sujeito apadrinhado por políticos e que recebe um cargo público, do qual se prevalece para empregar toda a família em órgãos do governo, o autor critica os novos atores que reinventam a velha herança colonial, algumas vezes atribuindo a ela um valor de verdade tradicional.

Com as doze prosas apresentadas após os segmentos pré-textuais o autor retoma a ação de “descobrir Angola”, proposta pela geração de escritores angolanos que insurge na década de 1950 do século XX. Ligado a esta geração “que combinava luta política e renascimento cultural”,<sup>49</sup> Uanhenga Xitu proclama, nesta obra, a “ruptura com os procedimentos coloniais, tanto na escolha dos temas como no ritmo e conteúdo das análises propostas”.<sup>50</sup> A escrita revisita o passado e busca livrar do esquecimento as personagens e cenários dos acontecimentos históricos recentes, atuando contra a colonialidade do saber hegemônico que se impõe no presente. Narradores e personagens que tecem essa “prosa” circulam por musseques, gabinetes e outros espaços agregados à paisagem angolana nos primeiros anos de construção do Estado, momento em que se edifica uma prática política que aprofunda vícios herdados do sistema colonial. Confrontado com a descoberta de uma Angola que se desvia do projeto político-ideológico inicial, Uanhenga Xitu investe no sentido político existente na reescritura da tradição e imprime um caráter didático-pedagógico a esta obra que desperta nosso interesse, pois “tem em si, às vezes de forma latente,

---

Ki-Zerbo; tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p.61

49. M'BOKOLO, Elikia. *África negra história e civilizações*. Do século XIX aos nossos dias. Tomo II. Lisboa: Ed. Colibri, 2004, p. 595

50. *Ibidem*, p. 595

uma dimensão utilitária”, tal como proposta por Walter Benjamin<sup>51</sup> e que se torna uma característica da verdadeira narrativa.

À altura da publicação de suas memórias apóstumas, Uanhenga Xitu parece reconhecer que sua sociedade, tradicionalmente de memória oral, adentra a era da perda da memória. Consciente desse processo, o autor registra sua memória individual pela qual se resgatam a atividade política recente e os ritos, alguns vividos na infância, outros presenciados em suas passagens pelo interior angolano. Portanto, nessa hora de estreitamento do contato com a modernidade, cabe ao escritor, agora um “mais-velho”, dispor de sua fértil memória para conceber uma forma de registro dos acontecimentos recentes e de outros, mais antigos, transmitidos pelos antepassados.

Desse modo, Xitu se torna tecelão de um contado, em cujas dobras se revelam a história não ficcional. A obra em questão assume homologia com o pensamento tradicional encerrado no provérbio fula transmitido pela escrita do angolano Carlos Serrano: “Quem conhece o ontem e o hoje, conhecerá o amanhã, porque o fio do tecelão é o futuro, o pano tecido é o presente, o pano tecido e dobrado é o passado”.<sup>52</sup>

### Conclusão

O pensamento de Joseph Ki-Zerbo ilumina a compreensão da textualidade de Uanhenga Xitu como obra que, além da importância artística representada por sua forma que assume identidade angola, é de grande relevância para a memória angolana.

Como frisado de modo recorrente, o texto de Xitu resgata episódios, linguagem e personagens históricos angolanos, que saltam de histórias passadas, sendo transportados para novos tempos a cada leitura. Postos em circulação pelo texto, registros da memória individual e coletiva foram utilizados pelo escritor como um trampolim que permite levar aos leitores saberes ocultados no interior de uma história nacional construída com muitos conflitos e silenciamentos.

As palavras do escritor, em entrevista recente, nos servem como relato da experiência de ler as memórias coletadas no século XX, no limiar na primeira década do século XXI. Às vésperas de seus 88 anos Uanhenga Xitu revelou: “nunca tinha lido os meus livros. Quando a minha filha me leu “O Ministro” dei-me conta que é um livro que

---

51. BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 200

52. SERRANO, Carlos. *Memória d'África – A temática africana em Sala de Aula*. 1ª. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2007. p. 280.

continua muito actual”<sup>53</sup> A atualidade reconhecida pelo escritor é partilhada por leitores que travam contato com os episódios trabalhados literariamente a partir de recolhas na oralidade ou testemunhos oculares de um sujeito que trouxe à luz o conhecimento de fatos que permanecerão atualizados e atualizando novos leitores sobre o devir histórico angolano.

O ministro: a memória como trampolim para o futuro na escrita de Uanhenga Xitu

---

53. Disponível em <http://isaquielcori.blogspot.com.br/2012/06/sinto-que-podia-ter-feito-mais.html>